

## TURISMO PELA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DAS COLÔNIAS FRANCESA E MUNICIPAL DE PELOTAS/RS.

Leandro Ramos Betemps<sup>1</sup>

Margareth Acosta Vieira<sup>2</sup>

### Resumo:

Este artigo tem por objetivo propor um passeio através da história da imigração e colonização no sul do Brasil, no Estado do Rio Grande do Sul, em especial no município de Pelotas, que foi pólo atrativo de estrangeiros. No século XIX, ali ocorreram iniciativas de colonização em meio a uma região onde o uso de terras era privilegiado para a pecuária extensiva. A riqueza charqueadora e a especulação comercial da terra acabaram por configurar um perfil econômico, cultural e social bastante diferenciado de outros municípios da região sul. Inicialmente apresentamos alguns conceitos para entender a imigração e colonização no contexto gaúcho, depois como se deu a ocupação das terras no município de Pelotas e os processos de imigração e colonização ali ocorridos. A seguir a Colônia Francesa de Santo Antônio e a Colônia Municipal são dadas como exemplos relevantes na definição do atual perfil do município e das relações estabelecidas entre a zona rural e urbana em Pelotas.

**Palavras-chave:** Turismo Cultural. História. Colonização.

---

<sup>1</sup> Historiador, mestrando em memória social (UFPel)

<sup>2</sup> Arquiteta, mestrando em memória social (UFPel)

## **TURISMO PELA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DAS COLÔNIAS FRANCESA E MUNICIPAL DE PELOTAS/RS.**

**Leandro Ramos Betemps**

**Margareth Acosta Vieira**

### **Résumé:**

Le texte vise à proposer une promenade à travers l'histoire de l'immigration et de la colonisation au sud du Brésil, dans l'État du Rio Grande do Sul, en particulier dans la ville de Pelotas, qui a été un pôle attractif pour les étrangers. Lorsque, dans la XIX<sup>ème</sup> siècle, il y avait des innovations telles que des initiatives de la colonisation au milieu d'une région où l'exploitation des terres a été favorisée par l'élevage extensif. La richesse du « charque » et la spéculation commerciale des terres ont mis en place un profil économique, culturel et social assez différent de d'autres municipalités dans le sud du pays. Au départ, nous présentons quelques concepts pour comprendre l'immigration et la colonisation dans le contexte « gaúcho », après comme ce fut le cas de l'occupation de terres dans la ville de Pelotas et les processus du colonialisme et de l'immigration qui s'y produisent. A la suite, l'implantation Française de Santo Antônio et l'implantation Municipale sont données à titre d'exemples dans la définition du profil actuel de la Municipalité et des relations établies entre au milieu rural et urbain de Pelotas.

**Mots-clés:** Tourisme Culturel. Histoire. Colonisation.

## TURISMO PELA HISTÓRIA DA COLONIZAÇÃO NO SUL DO RIO GRANDE DO SUL: O CASO DAS COLÔNIAS FRANCESA E MUNICIPAL DE PELOTAS/RS.

**Leandro Ramos Betemps**

**Margareth Acosta Vieira**

### **Abstract:**

This article aims to propose a walk through the history of immigration and settlement in the southern of Brazil, in state of Rio Grande do Sul, especially in the city of Pelotas, which was attractive to foreign pole. Where, in the nineteenth century, there were innovations such as initiatives of colonization in the midst of a region where the use of land was favored by extensive livestock rearing. The wealth charqueadora's commercial land speculation and eventually set up a profile economic, cultural and social rather different from other municipalities in the southern region. Initially we present some concepts to understand the immigration and colonization in the gaúcho, as happened after the occupation of land in the city of Pelotas and the processes of colonization and immigration occurring there. Following the French colony of St. Anthony Hall and Cologne are given as examples relevant both in defining the current profile of the council, as the relationships established between the rural and urban in Pelotas.

**Keywords:** Cultural Tourism. History. Colonization.

### Alguns conceitos iniciais...

Imigração é um fenômeno antigo e natural entre os homens. A necessidade de buscar novas paragens, novas formas de sobreviver fez com que muitas pessoas saíssem do local onde nasceram. Emigração é o movimento populacional de saída de uma população para outro país; e imigração o movimento populacional de entrada de estrangeiros em um país. Quando esse movimento se dá, dentro dos limites políticos de um país chama-se de migração é o caso, por exemplo, da vinda de casais açorianos para povoar as terras do sul do Brasil, época em que Brasil e Açores eram terras da Coroa Portuguesa.

Esses movimentos originaram dois processos, imigração e colonização, que muitas vezes estiveram entrelaçados. Em São Paulo, por exemplo, a imigração serviu para a substituição da mão-de-obra escrava pela dos brancos livres. Já no Rio Grande do Sul o objetivo foi outro. Houve uma preocupação com a formação de núcleos agrícolas capazes de prover de alimentos aos centros urbanos, garantir as fronteiras sulinas e aumentar a população de súditos do rei.

É a historiadora Vania Herédia que nos esclarece a questão: "A grande diferença entre as políticas do processo de imigração e de colonização era que do primeiro alterava o regime de trabalho e do segundo o regime de propriedade" (HEREDIA, 2001).

Atrelada à política de imigração, o governo imperial adota um sistema para ocupar as terras do Rio Grande do Sul pretendendo "com a instalação do trabalho livre, o regime da pequena propriedade, a agricultura subsidiária, a mão de obra branca" assegurar "a hegemonia nas regiões de fronteiras" (HEREDIA, 2001).

A colonização pode envolver tanto a migração (interna) como a imigração (externa) e está baseada na compra e venda de lotes rurais de dimensões reduzidas chamado de "colônia".

Este mesmo nome também é dado para o conjunto destes lotes, bem como as áreas que os abrigam.

### **O papel do estrangeiro**

A partir de 1824 o Rio Grande do Sul começou a receber um fluxo de imigrantes, que se intensificou na segunda metade do século XIX, visando à formação de colônias com base na pequena propriedade. Para que se possa entender a posição desses imigrantes se faz necessário conhecer o papel do estrangeiro junto a uma sociedade estabelecida. Este personagem social foi evidenciado por Simmel, (*apud* MORAES Filho, 1983, p.182), como “uma pessoa que chega hoje e amanhã fica” e que, permanecendo, acaba ocupando, no grupo, uma posição determinada. Posição que foi definida “essencialmente, pelo fato de não ter pertencido a ele desde o começo, pelo fato de ter introduzido qualidades que não se originou nem poderia se originar no próprio grupo” (MORAES Filho, 1983, p.183). Este estrangeiro, devido ao seu não enraizamento natural no grupo, possui algumas qualidades (habilidades) que lhe fornecem uma posição privilegiada, tais como: 1) Proximidade e distância; 2) objetividade (eliminação de ênfases e deslocamentos acidentais); 3) Liberdade (desvinculação de amarras). Além destas características, extraídas de Simmel, (*apud* MORAES Filho, 1977, p.183), também nos é apresentado o papel do estrangeiro na história da economia, onde “o estrangeiro aparece em toda parte como comerciante, ou todo comerciante como estrangeiro”.

Assim, os alemães, que foram os primeiros imigrantes estrangeiros assentados no Estado, puderam adquirir posições não apenas de estabelecimento, como de promoção do desenvolvimento e expansão de atividades que antes era inviável, devido à conjuntura social, econômica e política.

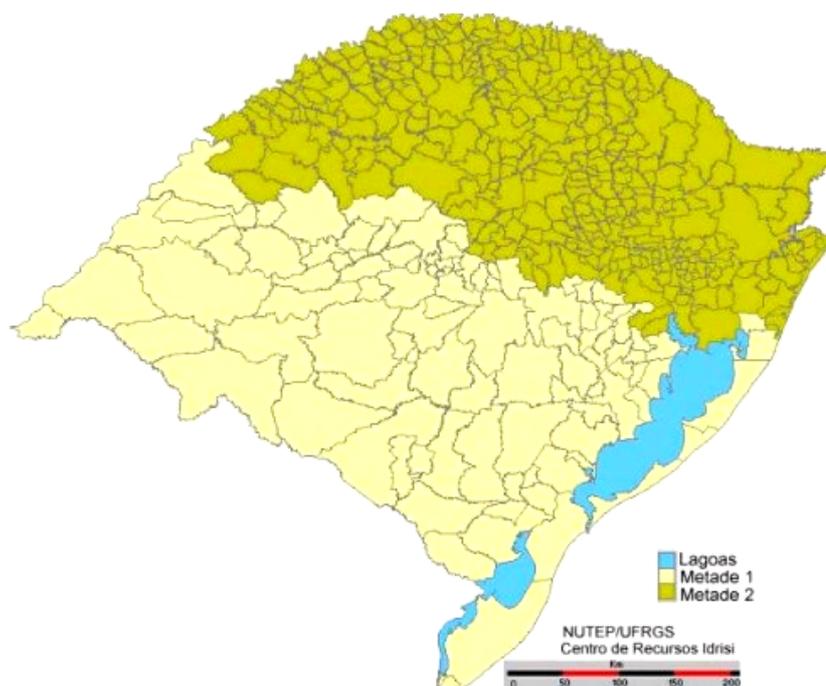
## **Rio Grande do Sul: duas paisagens naturais, dois contextos históricos**

O suporte sob o qual o Estado do Rio Grande do Sul foi assentado pode ser dividido, geograficamente, em duas partes distintas, cuja linha divisória coincide, mais ou menos, com o paralelo 30 conforme se pode ver na Figura 1. Esta dicotomia, de ordem topográfica, foi determinante no processo de ocupação do solo, gerando configurações sociais, econômicas e culturais que ainda atuam na estrutura do Rio Grande do Sul.

Em finais do século XIX, o Rio Grande do Sul apresentava duas formas distintas de produção, que de acordo com Eugênio Lagemann (1985, p.19), se caracterizavam por: “A pecuária nas áreas dos campos nativos; e a agrícola, na região das matas, ao longo dos rios e encostas dos vales”. De um lado a pecuária, a forma de produção mais antiga, resultante direta do sistema de defesa promovido pela Coroa Portuguesa que concedia grandes extensões de terra “em troca de eventuais serviços na defesa contra as incursões castelhanas provindas da região do Prata” (LAGEMANN, 1985, p.20). De outro, a economia colonial, articulada numa primeira fase pelo governo imperial, visando tanto à ocupação de áreas não aproveitadas pela pecuária como o abastecimento dos núcleos urbanos. Uma solução que necessitou da importação de agricultores europeus.

Esta nova forma de organização espacial que favorecia o fracionamento do solo acabou propiciando, como era desejado, “o surgimento de inúmeros pólos culturais, cujos núcleos de aglutinação eram fundamentalmente a capela e a escola” (TAMBARA, 1995, p.298). Núcleos estes que estabeleceram suas bases a partir da própria cultura trazida pelos agricultores europeus.

Estas duas formas de ocupação deram origem às sociedades, econômica e socialmente diferenciadas, vinculadas a sua topografia.



**Figura 1:** Mapa do Rio Grande do Sul onde se apresentam as duas metades geográficas.

Fonte: <http://nutep.adm.ufrgs.br/mapas/metades.jpg>

### **O governo geral quer a posse da terra gaúcha**

A História do Rio Grande do Sul foi pautada nos conflitos pela posse, ocupação das terras e demarcação da fronteira sul do Brasil. Pelo Tratado de Tordesilhas (1494), as terras do atual Estado do Rio Grande do Sul pertenciam à Espanha, porém Portugal tinha a intenção de levar a fronteira até o Rio da Prata, onde fundou, em 1680, a Colônia do Sacramento. Para manter a posse desta Colônia os portugueses estabelecem duas guarnições para barrar o avanço espanhol. Porém, isso não foi suficiente para impedir a invasão da vila de Rio Grande (1763) obrigando parte da população a se refugiar na região de Pelotas.

Em 1779, chega o português José Pinto Martins que sistematiza a fabricação de charque como uma atividade voltada para o mercado e não mais para consumo próprio como

vinha ocorrendo. Esta primeira charqueada traz mais pessoas e muitas riquezas que fazem de Pelotas o pólo econômico gaúcho de boa parte do século XIX. A população é ampliada, na década de 1820, quando novos conflitos platinos causam a imigração de muitos estrangeiros para o sul do Brasil. Em 1832, acontece à instalação da Vila de São Francisco de Paula e, em 1835 se dá a elevação da Vila em Cidade, com o nome de Pelotas.

Nesta primeira fase, as ações do governo geral (inicialmente a Coroa Portuguesa e depois o Império do Brasil) são pela posse das terras meridionais.

Antes de 1822 o Brasil não recebia estrangeiro, apenas os súditos do rei português tinham permissão de vir ocupar e trabalhar nas terras. Os estrangeiros eram raros e a maioria era apenas viajante de passagem. É com a abertura dos portos (1808) que a entrada de estrangeiros tornou-se significativa. Até então colonização era uma política de migração a cargo do Conselho Ultramarino, Ministério do Reino e governadores de Capitânicas que como instâncias públicas intensificaram a vinda de açorianos para o sul do Brasil (1750).

Depois da Independência (1822), o imperador inicia uma política de imigração estrangeira. Sua intenção era de formar uma população branca livre e criar um exército brasileiro. No Rio Grande do Sul, a primeira ação resultou na fundação da Colônia de São Leopoldo (1824). De um lado a imigração oficial trouxe os povos germânicos, de outro, os conflitos no Rio da Prata provocaram a entrada espontânea de estrangeiros vindos dos atuais territórios de Uruguai e Argentina.

### **O governo provincial quer o desenvolvimento da terra gaúcha**

Com a queda de Dom Pedro I, o governo geral suspende as políticas do imperador e repassa para as províncias a responsabilidade de promover a colonização em suas jurisdições através do Ato Adicional de 1834.

Porém, nessa época, se inicia no Rio Grande do Sul o conflito conhecido por Guerra dos Farrapos que se estende por 10 anos. É apenas com o fim da revolta que a província começa a formular uma política de colonização.

Em 1848 o Governo geral concede terras às províncias o que possibilita que a província gaúcha comece suas experiências colonizatórias, apoiadas também pela Lei Geral de Terras de 1850. Esta lei regulamenta a venda e a aquisição de terras aos colonos, extinguindo o acesso a terra por doação, como aconteceu com os alemães em São Leopoldo. Em 1854, o Rio Grande do Sul estabelece, por lei, as diretrizes da colonização na província. Mas, a imigração sofre um grande revés com o lançamento de um regulamento do governo alemão que retira o apoio à imigração para o Brasil. Com isso a maior corrente estrangeira para o Brasil entra em declínio até receber novo alento com a corrente italiana. Neste intervalo, outras etnias foram trazidas, mas não ganharam a mesma relevância quantitativa.

### **A iniciativa privada quer mudar Pelotas**

O jogo de contrastes geográficos, que definiu a ocupação do Rio Grande do Sul, serviu também para estruturar algumas áreas dentro do próprio estado. Em Pelotas se reproduziu em escala menor, as mesmas configurações espaciais do Rio Grande do Sul. Localizada na metade sul do Estado, Pelotas integra a região da Encosta do Sudeste e apresenta a mesma dicotomia topográfica do Rio Grande do Sul, compondo como descreve Anjos (ANJOS, 2000, p.27) “duas grandes paisagens naturais: a serrana e a planície”.

Enquanto as terras planas foram ocupadas pelos pioneiros, “portugueses, luso-brasileiros e brasileiros, a civilização que florescia em Pelotas no último quartel do século XIX” (MAGALHÃES, 2000), que se valendo de suas pastagens, desenvolveram atividades pastoris e, posteriormente, a indústria do charque. As terras altas, não apropriadas para a

produção extensiva se mantiveram praticamente ociosas, apesar de muitas áreas, possuírem demarcação e propriedade definidas.

Em 1850 o Coronel Thomaz Campos solicita ao governo provincial que sejam remetidas para Pelotas algumas famílias de agricultores alemães para início da Colônia de Monte Bonito. Porém esta colônia teve muitos revezes e seu progresso foi muito lento.

Em 1858, o estrangeiro Jacob Rheingantz implanta a Colônia de São Lourenço. Por seu empenho e presença constante entre os colonos, São Lourenço alcançou um sucesso administrativo que gerou desdobramentos, com o surgimento de novas colônias, como as de Arroio do Padre e Cerrito Alegre em 1868.

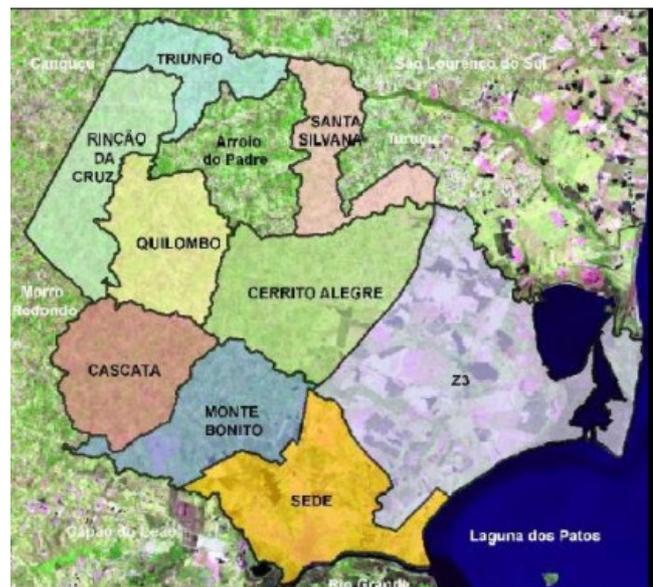
Depois do sucesso de São Lourenço, os proprietários rurais passaram a se interessar pela colonização, surgindo em 1866, o primeiro destes núcleos feitos pelos proprietários, a Colônia Lopes, criada por Manuel Fontoura Lopes.

No final dos anos 1870 foi vez dos charqueadores darem início à colonização com a criação de colônias, como Santa Silvana e Santa Clara, que não apenas se desenvolveram como estimularam novos empreendimentos.

Na década de 1880 tem início o apogeu colonial, quando é fundada a primeira colônia com um claro interesse especulativo. A terra passa a se estabelecer como um cobiçado produto de mercado. A Colônia Santo Antônio foi criada no ano de 1880 por um comerciante da zona urbana que comprou terras na Serra dos Tapes com o propósito de comercializar lotes e obter lucro.

Nesta mesma década ocorrem as poucas iniciativas de colonização promovidas pelo poder público, entre elas a Colônia Municipal em 1882. O processo de colonização foi essencial na formação do município pelotense, provocando inclusive a configuração da zona sul do estado gaúcho, pois algumas destas ex-colônias hoje são municípios da zona sul.

A experiência colonizadora em Pelotas foi tão significativa que o imaginário dos habitantes ainda é marcado por essa experiência. Mesmo depois de tantos anos de emancipação das colônias agrícolas, a população urbana quando se desloca em direção à zona rural para usufruir de suas belezas naturais e culturais diz sem titubear: "vamos passear na colônia" ou "os colonos ainda prezam suas tradições". Hoje não existem mais colônias ou colonos, são apenas agricultores, moradores em zona rural. Não existe mais a antiga relação entre proprietários de terra vendendo lotes a serem pagos em longo prazo e compradores mantendo a subordinação aos mesmos até a quitação de suas dívidas coloniais. As antigas colônias estão emancipadas e o uso e as transações de terras só dependem dos próprios proprietários, como em qualquer região do país.



**Figura 2:** Mapa com a divisão distrital do município de Pelotas.

Fonte: <http://www.pelotas.com.br>.

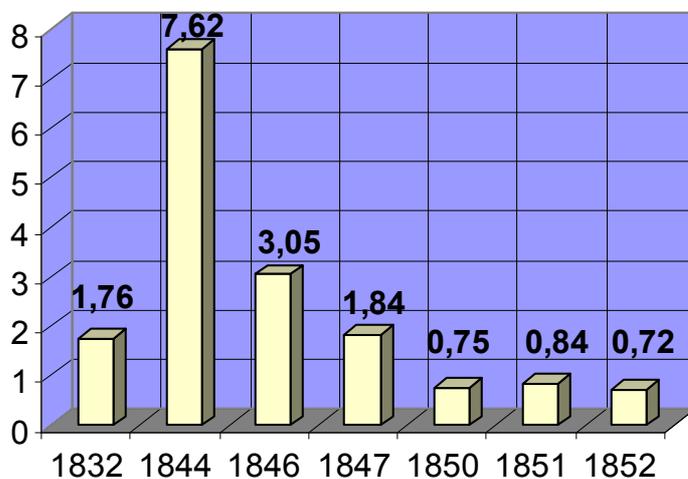
Atualmente, o município de Pelotas possui 1.608,8 km<sup>2</sup> de área e divide-se em nove regiões administrativas chamadas de distritos conforme se pode ver na figura 2. Os distritos são: 1) Sede; 2) Z3; 3) Cerrito Alegre; 4) Triunfo; 5) Cascata; 6) Santa Silvana; 7) Quilombo; 8) Rincão da Cruz; e 9) Monte Bonito. Em todos estes distritos, com exceção do distrito sede, onde esta a cidade, ocorreram criações de núcleos coloniais. Os nomes de Distritos vêm das antigas e importantes colônias que se destacam no interior do município.

## A imigração em Pelotas

Para compreendermos a riqueza étnica da região de Pelotas é importante conhecermos a imigração ali ocorrida. Desde a fundação da freguesia de São Francisco de Paula (1812) já são conhecidos estrangeiros na região. Mas, é com a instalação da Cidade de Pelotas e com o fim do conflito farroupilha (1845) que as riquezas e as modernidades trazidas pelo charque passam a atrair mais estrangeiros. A imigração é incentivada com a implantação da política de colonização.

As fontes da imigração em Pelotas são restritas. Existem alguns livros de naturalização na Bibliotheca Pública Pelotense, alguns livros de registro da presença de estrangeiros no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul e alguns registros de entrada de estrangeiros no Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul, ambos em Porto Alegre. As fontes destas duas instituições de Porto Alegre foram inventariadas por Leila Fetter em seu trabalho “A Colonização ocorrida na área Rural de Pelotas na 2ª metade do Século XIX” em 2002, cujos dados foram utilizados na confecção dos gráficos.

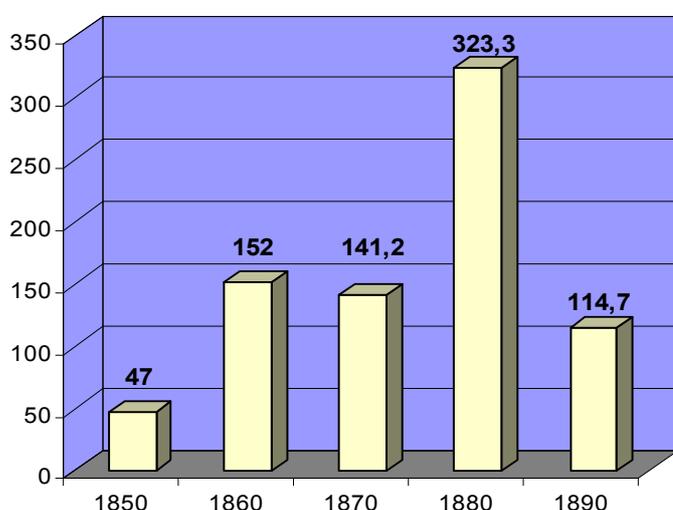
As fontes do Arquivo Público abrangem um período muito pequeno e cheio de lacunas como se vê no gráfico abaixo:



**Gráfico 1:** Média de imigrantes entrados por dia em cada ano de registro.

Através do gráfico se pode perceber que o ano de 1844, quando houve o maior número de registros de estrangeiros, coincide com o declínio dos ânimos belicosos e a população busca o fim da Guerra Farroupilha (1835-1845).

A entrada de imigrantes para a região está registrada nos códices do Arquivo Histórico e possuem uma continuidade maior. Infelizmente para o período entre 1873 e 1887, quando foi criada a maioria dos núcleos agrícolas em Pelotas e, possivelmente, o período de maior entrada de imigrantes, os registros não foram conservados.



**Gráfico 2:** Média do número de imigrantes entrados em cada ano, por década.

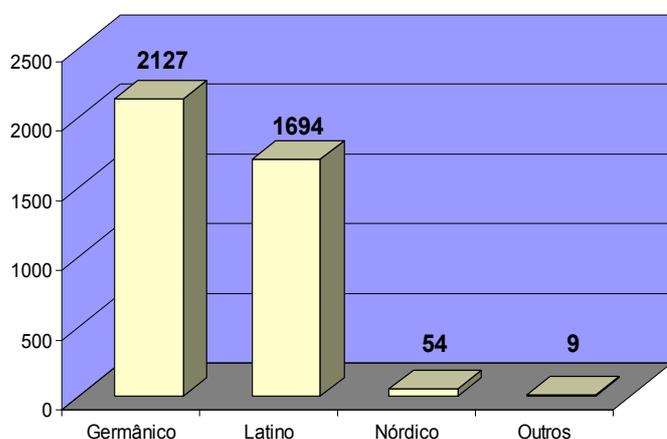
É o que também confirma a média de imigrantes entrados por ano, agrupados por década. Pelo Gráfico 2 percebe-se que é justamente a década de 1880.

Quanto à etnicidade podemos perceber que Pelotas e a região sul do estado refletem o que ocorreu no Rio Grande do Sul em maior escala. Entre 1857 e 1895, conforme os registros encontrados nos códices do Arquivo Histórico, o grupo de povos germânicos tem a primazia quantitativa em Pelotas, depois pelo grupo latino como se pode ver no Gráfico 3.

O grupo germânico é formado principalmente de prussianos (1.648). O grupo latino tem italianos (731), portugueses (671), espanhóis (217) e franceses (75).

Quase sem relevância numérica o Grupo nórdico tem 14 holandeses, 8 suíços, 7 belgas, 7 dinamarqueses, 6 suecos, 5 austríacos, 5 poloneses e 2 húngaros. Seguindo com 4

uruguayos, 2 norte-americanos, 1 chinês, 1 mexicano e 1 sem especificação de nacionalidade ou etnia.



**Gráfico 3:** Número de imigrantes por etnicidade.

Em ordem cronológica de chegada os portugueses são os primeiros colonizadores europeus em Pelotas e alguns faziam parte do próprio governo que distribuía sesmarias e datas de terra. São continentistas, ilhéus e colonistas dos quais descendem os charqueadores e proprietários rurais que vão promover a colonização.

O contato dos portugueses com os espanhóis é tão antigo quanto às idas e vindas da luta pela fronteira. Além dos nativos de Espanha e das Ilhas Canárias, estão também os uruguayos, os argentinos e outros povos de língua espanhola. A maioria habitava a cidade, mas em 1883 há registro da entrada de 62 agricultores espanhóis para a Colônia Municipal.

O Governo Provincial tenta diversificar o grupo étnico e cultural e busca ajuda do vice-cônsul brasileiro em Liverpool, na Inglaterra e assim chegam irlandeses e ingleses, em 1850, para as Colônias de Dom Pedro II, Monte Bonito e Nova Cambria, ou Cambridge.

Até 1858 os únicos germânicos que habitavam Pelotas eram os ex-soldados dos Batalhões Estrangeiros que ficaram na região após a extinção destes grupos. Os primeiros agricultores chegaram em 1850 para a Colônia de Monte Bonito (1850) e depois para a de São Lourenço (1858).

Os franceses já estavam em Pelotas na época da fundação da freguesia em 1812, porém a maioria ficou localizada na zona urbana. Os franceses chegados como agricultores vieram da Colônia de São Feliciano (atual município de Dom Feliciano/RS) em 1879 e fundaram a Colônia Francesa de Santo Antônio (1880).

No fim da Guerra Farroupilha já existia um número considerável de italianos em Pelotas. Eram na maioria artesãos e construtores que habitavam a cidade. Os primeiros agricultores vieram de Dom Feliciano junto com os franceses, mas o contingente mais significativo veio para a fundação das colônias oficiais, sobretudo a Colônia Maciel (1882).

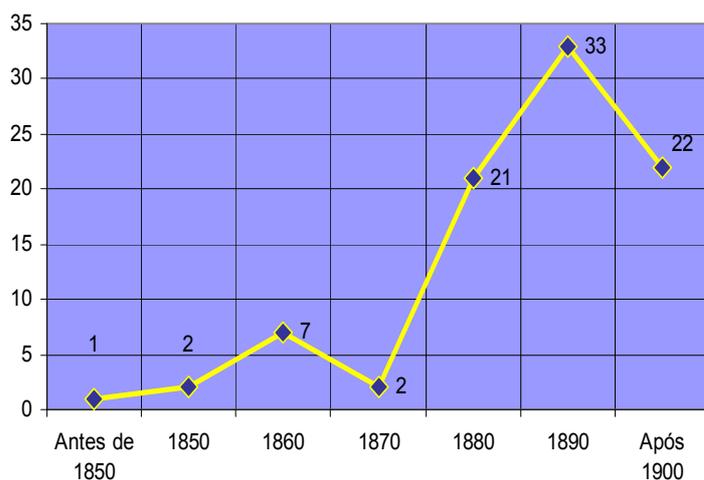
### **A colonização em Pelotas**

A colonização em Pelotas começou em 1848 com as diretrizes do governo provincial e com a iniciativa privada na criação da Associação Auxiliar Colonizadora. Porém o marco da colonização foi a Colônia de São Lourenço, pois com o seu desenvolvimento, vários proprietários rurais, charqueadores e seus descendentes investiram na organização de colônias. O lucro com a especulação de terras provocou o surgimento de muitas colônias.

Depois da pecuária, ocupar e dominar as terras planas, a apropriação da região serrana surgiu como conseqüência da economia da planície. Um resultado da transição econômica e social em que a terra adquiriu um novo status. Esta deixou “de representar um privilégio, para se tornar um equivalente de capital” (LANDO; BARROS, 1992, p.42). Sobre essa nova postura, Ester Gutierrez (GUTIERREZ, 1999, p.282) aponta o quanto se tornou lucrativo o negócio imobiliário rural:

“Era atraente vender os terrenos, às vezes ameaçados por quilombolas, substituindo a retirada da madeira e as pequenas lavouras movidas pela força de trabalho escrava, que cada vez mais diminuía, por atividades empresariais rentáveis. Desde 1854, esse tipo de especulação imobiliária rural estava amparado pela Lei Provincial nº 304. Os particulares ofereciam seus lotes por até 800% a mais do que os vendidos pelas iniciativas oficiais.”

Dentro desta abertura, propiciada pelo fracionamento do solo e o desgaste do sistema escravocrata, no qual a cidade ainda dependia, deu-se o início do processo de colonização na zona sul. O aumento da ocupação do solo pode ser exemplificado com a evolução do número de núcleos coloniais que mostra o Gráfico 4.



**Gráfico 4:** Número de núcleos agrícolas fundados por década.

Com relação aos promotores de colônias em Pelotas, o maior grupo foi o dos 22 charqueadores e 21 proprietários rurais, por serem estes os com maior capital. Seguidos pelos 16 imigrantes que compraram terras para colonizar. Apenas um dos promotores era comerciante: João Antônio Pinheiro. E três foram os núcleos fundados pelo poder público imperial e um núcleo pelo poder público municipal.

### **A Colônia Francesa de Santo Antônio**

Em 1879 alguns colonos franceses, moradores na Colônia de São Feliciano, querem mudar-se para próximo de um centro consumidor e vêm buscar em Pelotas esse mercado para escoar suas produções agrícolas. Em Pelotas, contatam com o comerciante atacadista João Antônio Pinheiro que havia comprado terras na Serra dos Tapes com a intenção de lotear e especular o comércio desta. Os franceses compram os lotes e começam a organizar suas lavouras, vinhedos e pomares. É fundada a Colônia Francesa de Santo Antônio entre os Três

Cerros ao norte, seguindo para o sul na confluência dos arroios Quilombo e Andrade até estes desaguarem no arroio Pelotas. Estas terras ficam no atual Distrito do Quilombo, o sétimo do município de Pelotas.



**Figura 3:** Vista geral da Colônia Francesa de Santo Antônio.

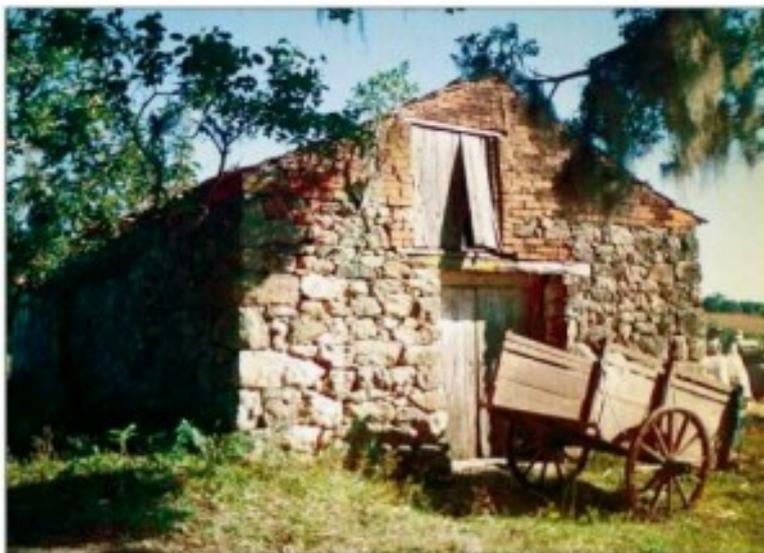
Fonte: Acervo Leandro R. Betemps, 2006.

Nos primeiros anos 50 famílias francesas conviveram naquele espaço: Arbes, Argout, Beauvalet, Bertholon, Betemps, Bichet, Capdeboscq, Carret, Charnaud, Charrois, Chollet, Choreux, Claverie, Colomby, Conte, Cousen, Crochemore, Ebersol, Escallier, Fouchy, Fournier, Frechou, Fuzeri, Gaume, Gerard, Giroux, Guiot, Jacquôt, Jouglard, Lahude, Lardot, Laurant, Leroy, Lesauvage, L’homme, Lonchamp, Luvier, Magallon, Martin, Ney, Palavet, Pastorello, Petit, Raffy, Ribes, Steinle, Tourin, Vacher, Vannuer, Wahast. Depois chegaram alemães e italianos.

Em 1898, Carl Otto Ullrich<sup>3</sup> escreveu um texto para ser divulgado na Alemanha com o objetivo de incentivar a vinda de novos imigrantes. Conforme este texto, a Colônia Santo Antônio possui 68 lotes com media de 36 e 38 hectares no valor de até 15 contos de réis. Na Colônia Francesa existia um cemitério para os franceses, uma escola pública, uma fábrica de

<sup>3</sup> O alemão Carl Otto Ullrich casou na Colônia Santo Antonio em 1896 e ali viveu até sua morte em 1927.

celulose movida à água, uma tamancaria e estabelecimentos comerciais. As estradas eram boas e a produção era voltada para o comércio e consistia em alfafa - vendida na zona urbana para alimentar os cavalos que puxavam charretes -, vinho, suínos vivos e piretro, usado como repelente de insetos. A fruticultura era para autoconsumo. Os homens fabricavam vinho para o mercado enquanto as mulheres fabricavam compotas de frutas para o consumo da família.



**Figura 4:** Antiga construção da família Bertholon na Colônia Francesa.

Fonte: Acervo Leandro R. Betemps, 1999.

A partir da década de 30 quando não foi mais possível concorrer com as vinícolas da região da serra gaúcha, a fruticultura floresceu onde antes havia videiras e as compotas e conservas de frutas tornaram-se o carro chefe da economia pelotense. As antigas fábricas fundadas pelos franceses, em 1899, deram origem às agroindústrias que funcionaram até década de 1990. Este é o principal legado dos agricultores franceses para Pelotas e região: as compotas, os doces de massa e os frutos cristalizados.

Hoje, as estradas da Colônia Santo Antônio mostram pessegueiros, as ruínas das antigas casas em pedra e o obelisco erguido em 1930 para comemorar o cinquentenário da fundação da Colônia.

A Vila Nova é a parte que desenvolveu certa urbanização e onde se localizam a Igreja Católica de São Pedro, a Fábrica Doces Crochemore, e o Museu e Espaço Cultural da Etnia Francesa. Este Museu faz parte de um circuito de museus comunitários criados na zona rural do município para mostrar as potencialidades étnicas, culturais e históricas da antiga zona colonial de Pelotas.



**Figura 5:** Flor do pessegueiro, principal produto agrícola da Colônia Francesa.

Fonte: Acervo Leandro R. Betemps, 1999.

### **Colônia Municipal**

A Colônia Municipal, conforme anuncia o seu nome, nasceu de interesses governamentais, articulados pela Assembléia Provincial e Câmara Municipal de Pelotas, cabendo a última a responsabilidade pela execução.

O processo de criação desta colônia, situada no atual 7º Distrito, denominado Quilombo, intensificou-se em meados de 1882, quando a Assembléia Provincial aprovou um imposto para melhoramentos nos municípios onde houvesse núcleos coloniais e assim autoriza a Câmara de Pelotas a emissão de apólices para compra de terras. Com base nesta lei, foi divulgado junto à imprensa local, o interesse do município pela compra de terras na Serra dos Tapes, para a instalação das denominadas “colonias municipais”.

Para a avaliação dessas ofertas de terras apresentadas à câmara, foi formada uma comissão, composta por vereadores e técnicos, que se encarregou de examinar as condições das terras e decidir pelas áreas a serem adquiridas. Nas áreas eleitas foi instalado, em 25 de novembro de 1882, o único núcleo colonial criado pelo poder municipal. Um ato que foi privilegiado com uma pomposa cerimônia de inauguração e entrega simbólica da posse da terra aos 22 primeiros colonos do total dos 175 registrados nos 10 anos seguintes.

Os 99 lotes comercializados na Colônia Municipal envolveram interessados oriundos de sete regiões européias, a maioria de origem germânica (57,14%), procedentes da Alemanha, Áustria e Prússia, seguida pelos italianos (15,42%).

Em fins dos anos 1890, o alemão Carl Otto Ullrich anunciava que por lá existia “100 lotes coloniais (além disso, uma grande área para a cidade)” que contavam com a instalação de “uma casa comercial italiana, uma ferraria, um cemitério comum a todos e um prédio da escola do governo; este último está praticamente ruído, porque está em desuso há 5 anos.” Acrescenta também que havia “nenhum lote de campo devoluto, nenhum lote de mato” e que esta colônia era ocupada por “480 moradores, alemães e 14 famílias italianas; 80 lares, 1 casa comercial alemã e uma italiana, 1 moinho alemão, 1 carpintaria, 1 ferraria; 1 escola da comunidade alemã; estradas medianas.” Estes moradores, como em outros núcleos, também se dedicavam a produção agrícola.



**Figura 6:** Restaurante e Casa Comercial Gruppelli.

Fonte: Acervo de Margareth A. Vieira, 2007.

Estes dados nos apontam duas realidades do final do século XIX: a) a existente: a Colônia estava, poucos anos após a sua inauguração, plenamente ocupada por uma comunidade formada por alemães e italianos; b) a planejada: havia uma reserva de área destinada à implantação de uma cidade, a qual não chegou a se concretizar.

Deste planejamento ou desejo da municipalidade em instalar um núcleo urbano, em parte acabou se realizando já que na área reservada existe, desde o início do século XX, um agrupamento de casas junto à estrada principal que, na localidade denominada Gruppelli, ganha um ar de urbanidade, como uma rua, ao menos para seus moradores. Ali naquele espaço de convivência dos moradores, existe o Restaurante Gruppelli que ainda mantém em seus serviços o aspecto pitoresco de uma antiga paragem de viajantes que buscam descanso, comida e bebida. Junto ao Restaurante está o Museu Etnográfico Gruppelli, com um importante acervo que ilustra a vida e os costumes dos imigrantes.



**Figura 7:** Prédio do Museu Etnográfico Gruppelli.

Fonte: Acervo Margareth A. Vieira, 2006.

## Considerações finais

Embora a região sul do estado do Rio Grande do Sul não seja reconhecida como zona de imigração e colonização, assim como é conhecida a região da serra gaúcha, pode-se perceber que estes processos foram tão importantes quanto.

A imigração e a colonização moldaram o perfil da região, modificando o perfil social, econômico e, sobretudo, cultural e étnico da antiga região das charqueadas. A terra do charque existente no século 19 deu lugar à terra da fruticultura e do doce no século 20. E como será esta região no século 21?

A Colônia Municipal, a Colônia Francesa, bem como muitas outras colônias acabaram obtendo, conforme desejavam os jornais do século XIX, um real aproveitamento de seus “tão bellos e fecundos horizontes”, contribuindo efetivamente para “á riqueza d’esta parte da província”.

Uma riqueza que não se traduz apenas em valores computáveis pela balança comercial, mas como introdutora de novos valores culturais. Esses imigrantes ao deixarem a Europa não apenas se moveram pelo espaço geográfico, mas trasladaram todo um sistema enraizado que abarcava desde o terreno sólido das ações práticas, as representações, o idioma e os costumes. E com a convivência em um espaço, não mais distante, geográfica e politicamente, como antes, acabaram criando uma comunidade multicultural que, ao integrá-los, privilegiou a coexistência e o mútuo entendimento dessas e de outras etnias na região.

Se antes a modernidade atraiu muitos estrangeiros para Pelotas, hoje é o passado que se torna o atrativo da região. O turismo cultural tem muitas potencialidades que começam a ser desenvolvidas na zona rural de Pelotas, ou no caso de Pelotas se deveria dizer: “zona colonial”.

## Referências Bibliográficas

ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Ed. Universitária – UFPEL, 2000.

BETEMPS, Leandro Ramos. **Vinhos e Doces ao Som da Marselhesa**: um estudo sobre os 120 anos de Tradição Francesa na Colônia Santo Antônio em Pelotas-RS. Pelotas: UCPEL, 2003.

FETTER, Leila Maria Wulff. **A Colonização ocorrida na área Rural de Pelotas na 2ª metade do Século XIX**. Pelotas: UCPEL, 2002. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento Social.

GUTIERREZ, Ester J. B. **Barro e sangue**: mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas 1777-1888. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC), 1999.

HERÉDIA, Vania. **A imigração européia no século passado**: o programa de colonização no rio grande do sul. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, 2001. >><http://www.ub.es/geocrit/sn-94-10.htm> <<

LAGEMANN, Eugenio. **O Banco Pelotense & o Sistema Financeiro Regional**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

LANDO, Aldair; BARROS, Eliane. In: DACANAL, José Hildebrando (org.). **RS: imigração & colonização** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

MAGALHÃES, Mário Osório. In: ANJOS, Marcos Hallal dos. **Estrangeiros e Modernização**: a cidade de Pelotas no último quartel do século XIX. Pelotas: Ed. Universitária – UFPEL, 2000.

VIEIRA, Margareth Acosta. **Museu Gruppelli**: um lugar da memória do 7º Distrito. Curso de Pós-Graduação em Artes, Especialização em Patrimônio Cultural, Conservação de Artefatos. Monografia. Instituto de Artes e Design, UFPEL, 2007.

MORAES Filho, Evaristo de (org). **SIMMEL**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Ática, 1983.

SINGER, Paul Israel. **Desenvolvimento Econômico e Evolução Urbana**: Análise da Evolução Econômica de São Paulo, Blumenau, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. São Paulo: Editora Nacional, 1977. 2ª edição.

TAMBARA, Elomar. **Positivismo em Educação**. Pelotas: Ed. Universitária / UFPEL, 1995.

ULLRICH, Carl Otto. **As colônias alemãs no sul do Rio Grande do Sul**: Conselho aos Emigrantes para o Sul do Brasil. R. Jannasch (org), Berlim, 1898. In: Ensaio FEE, Porto Alegre, ano 5, nº 2, 1984. >> [http://ich.ufpel.edu.br/ndh/pdf/Instrumento\\_de\\_Trabalho\\_Volume\\_05.pdf](http://ich.ufpel.edu.br/ndh/pdf/Instrumento_de_Trabalho_Volume_05.pdf)<<